

## A experiência mística de G. H.

Luiza de Oliveira

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

Edgar César Nolasco

Professor Doutor-UFMS-BRASIL

### Resumo

O trabalho visa analisar a linguagem em *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, tendo por estofo teórico-crítico os postulados do filósofo Ludwig Wittgenstein. Em tal estudo dar-se-á atenção especial para a questão do silêncio como um traço diferenciador da linguagem empregada no livro da escritora. Em um primeiro momento, o trabalho estará voltado para a discussão dos conceitos estabelecidos por Ludwig Wittgenstein no *Tractatus Lógico-Philosophicus* e nas *Investigações Filosóficas*, para posteriormente empregar a teoria filosófica de Wittgenstein a análise do romance. Postula-se haver na linguagem do livro algo que não pode ser dito, não no sentido de não poder ser mencionado, mas em detrimento da própria limitação da linguagem, da consciência dos limites do que é dizível. Segundo a teoria da linguagem de Wittgenstein, *os limites do mundo são os limites da linguagem*. Para o filósofo, o que se exprime na linguagem, não pode ser expresso por meio dela. Wittgenstein chamou de místico –ao mostrar que há, na linguagem, algo que é indizível– o silêncio. Nossa proposta é a de que essa discussão arrolada por Wittgenstein pode ser verificável na linguagem empregada por Clarice Lispector em *A paixão segundo*

A mensagem de G. H., no fim de seu calvário, compreendendo que a existência em si é não-humana, e que toda linguagem tem no silêncio a sua origem e seu fim, é, no que diz respeito à caracterização do mundo imaginário de Lispector, verdadeiramente exemplar. Clarice Lispector expõe-se, no seu *A Paixão Segundo G. H.*, ao risco de optar pelo silêncio. Lançou um desafio supremo a si mesma: jogou com a linguagem para captar o mundo pré-linguístico. E teve que admitir, no final, o fracasso do seu empreendimento. Mas foi um fracasso significativo, que acarretou para a autora a mais surpreendente vitória. Essa vitória, registrada nas últimas páginas do relato de G. H., traduz o reconhecimento da miséria do esplendor da linguagem, de sua falência e de sua de sua essencialidade.  
Nunes, 1976: 139

Segundo a teoria da linguagem de Ludwig Wittgenstein, os limites do mundo são os limites da linguagem. Para o filósofo, o que se exprime na linguagem, esta não pode representar em sua totalidade, ou seja, não pode exprimir por meio dela. Wittgenstein chamou místico ao mostrar que há, na linguagem, algo que é indizível –o silêncio. Sua defesa seria que aquilo que ele chama de místico pode, em sua terminologia, ser mostrado, porém não pode ser dito, ou seja, expresso via linguagem.

O objetivo central do *Tractatus Logico-Philosophicus*, conforme declara o próprio Wittgenstein, consiste no estabelecimento dos limites do que se deixa expressar por meio de proposições dotadas de sentido. A fixação dos limites do dizer realiza-se, no *Tractatus*, via determinação das precondições que precisam ser satisfeitas para que uma proposição com sentido possa ser formulada. A

ideia é que podemos traçar os limites do que pode ser dito se pudermos estabelecer as precondições sem as quais uma proposição significativa não pode se construir. Tudo aquilo, cuja natureza for tal que não satisfaça essas precondições estará fora da esfera do que pode ser dito com sentido, isto é, não pertencerá ao campo do discurso significativo e não poderá, portanto, ser objeto de proposições significativas. Isso não quer dizer que esse algo não exista, mas apenas que ele não se deixa descrever através dos conteúdos proposicionais veiculados por meio da linguagem. Estabelecer as condições de possibilidade da constituição de proposições é a mesma coisa que desvelar o que há de comum a todas as proposições, isto é, desvelar os traços formais presentes em todas as proposições que nos permitem que as conheçamos como tais.

Wittgenstein estabelece, assim, uma relação interna entre compreender o sentido de uma proposição e determinar suas condições de verdade. Uma vez que uma proposição somente possui sentido quando projeta um modelo de uma situação possível, ao compreendermos o sentido de uma proposição sabemos as precondições que devem ser satisfeitas pelo mundo para que ela possa ser verdadeira, isto é, sabemos qual situação deve ser um fato do mundo para que a proposição corresponda à verdade.

O resultado final da concepção figurativa do significado desenvolvida no *Tractatus* consiste na explicitação dos limites da linguagem significativa. De acordo com ela, encontram-se no interior desse limite unicamente proposições que descrevem ligações contingentes de objetos, possuindo, assim, condições de verdade. Tanto o discurso acerca da estruturação lógica da linguagem e do mundo, quanto o discurso ético permanecem fora desse limite.

Em momentos posteriores, Wittgenstein permanece fiel a idéia de que a filosofia consiste em uma atividade de análise da linguagem, alterando, contudo, sua concepção acerca tanto do objetivo a ser alcançado quanto de seu modo de realização. Nesse sentido, podemos dizer, que as *Investigações Filosóficas* transformam, mais do que abandonam, as idéias metodológicas do *Tractatus*. A filosofia deve ser interpretada como crítica da linguagem: *Toda filosofia é “crítica da linguagem”*. Os problemas filosóficos evidenciam confusões conceituais que surgem da distorção ou mal-entendimento das palavras com as quais estamos perfeitamente familiarizados fora da filosofia. Esses problemas não devem ser resolvidos através da construção de teorias, mas dissolvidos através da descrição de regras para o uso das palavras.

Pioneiro de uma visão dinâmica da linguagem e do significado lingüístico, Wittgenstein entende a filosofia como análise da linguagem através da constatação e descrição dos usos ou jogos lingüísticos. O *jogo de linguagem* designa o novo método, ou técnica, de análise filosófica utilizada por Wittgenstein. Os *jogos de linguagem* contribuem para a obtenção de uma *visão panorâmica* da gramática de nossa linguagem. Contudo, sua utilidade não se limita à facilidade de obter-se uma visão de conjunto, mas, sobretudo, eles nos ajudam a *ver conexões, analogias, e diferenças* que põem à mostra as articulações de nossa linguagem.

O filósofo brasileiro Benedito Nunes, em seu livro *O dorso do tigre*, mostra, a partir do conceito wittgensteniano de jogo de linguagem, que a obra literária de Clarice Lispector faz parte de um domínio da linguagem que se dá sem pretensão de ser verdadeiro ou falso, de um jogo de linguagem artístico. Nunes abre o último capítulo do livro com a passagem:

Em *A paixão segundo G. H.* que Clarice Lispector leva ao extremo o jogo de linguagem iniciado em *Perto do Coração Selvagem*, e já plenamente desenvolvido em *A Maçã no escuro*. Não empregamos aqui a palavra jogo, e a expressão jogo de linguagem no sentido comum, em geral depreciativo, que é o que prevalece quando nos referimos a “jogo de palavras”, “jogo verbal”, etc. A literatura, de um modo especial a poesia, comportam uma qualificação lúdica. São atividades criadoras desinteressadas, cujos produtos gozam de existência estética, aparente, dentro do mundo imaginário projetado na expressão verbal. (Lispector, 1988: 129)

Segundo Benedito Nunes, a moderna filosofia da linguagem acrescenta um aspecto ontológico ao jogo de linguagem estético, pois, por meio da imaginação, a experiência imediata das coisas dá acesso a novas possibilidades do ser, possíveis modos de ser que não coincidem com nenhum aspecto determinado da realidade ou da existência humana.

Se o objeto de *A Paixão Segundo G. H.* é, como vimos uma experiência não objetiva, se a romancista recriou imaginariamente a visão mística do encontro da consciência com a realidade última, o romance dessa visão terá que ser, num certo sentido, obscuro. A linguagem de Clarice porém, não é nada obscura. Obscura é a experiência do que ela trata. Sob esse aspecto, que analisaremos oportunamente, a atitude de G.H., abdicando do entendimento claro para ir ao encontro do que é impossível compreender, lança a linguagem numa espécie de jogo decisivo com a realidade, que mais reforça o sentido místico do romance de Clarice Lispector. (Nunes, 1976: 111)

Já em seu primeiro romance, Clarice observa a relação entre a ação narrada e o jogo de linguagem enquanto situação problemática dos personagens que estão tentando se expressar. Assim, Benedito Nunes conclui que “a linguagem tematizada na obra de Clarice Lispector, envolve o próprio objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência como problema da expressão e da comunicação”. O que se verifica em *A paixão segundo G. H.*, pois no romance são paradoxais os enunciados que tentam decifrar ou interpretar a experiência de G. H., como na passagem, “Eu era a imagem do que eu não era, essa imagem do não ser me cumulava toda” (Lispector, 1988: 22).

Segundo Benedito Nunes, no romance *A paixão segundo G. H.*, um relato confessional provocado por um simples incidente doméstico, a morte de uma barata, a escritora chegou ao ponto crítico da literatura, pôs em jogo a natureza, o alcance e os limites da ficção. Nunes salienta que tomamos a palavra jogo aqui, no sentido de uma prática poética. Porque, para o autor, o jogar com as palavras:

abre um hiato de silêncio, espécie de momento contemplativo, indizível, conquistado à superfície resvelante das frases, e que, inenarrável, já não pode articular-se em palavras, convidando o leitor a uma atitude receptiva, de absorção no objeto sobre o qual se especula. Nos seus romances, Clarice Lispector procura alcançar esse intervalo de silêncio. (Nunes, 2009: 210)

Nunes escreve que o movimento de vai e vem da filosofia remonta à compreensão preliminar, linguageira, do ser no meio do qual nos encontramos. Para o filósofo, o pensamento requer a linguagem interligada à fala, ao discurso e, requerendo a linguagem, o pensamento já se interpretou nela. Para ilustrar esta discussão, Benedito Nunes usa as palavras de Wittgenstein: “à medida que a filosofia se torna mais consciente da maneira como o pensamento requer a linguagem mais ela se aproxima da poesia”. (Nunes, 2009: 211)

O ético, o religioso e o metafísico em Wittgenstein pertencem à categoria do indizível, isto é, daquilo que não pode ser articulado proposicionalmente: o indizível é o místico, o indizível é o que só pode ser mostrado. E é com base neste argumento, como sugere a passagem de Benedito Nunes que segue, que Wittgenstein aponta os limites da filosofia:

Wittgenstein, leitor e adepto de Tolstói, admirador de Rilke e de Trakl, pôs à conta da literatura, da poesia, por excludência lógica, o que pode ser mostrado (dito numa forma de linguagem não proposicional): a verdade essencial relativa à ação humana, a verdade do éthos de que a filosofia não pode falar. Ela pode, ironicamente, como fez no caso de Wittgenstein, falar dessa impossibilidade e, por meio dela, transar com a poesia. Mas, concluímos nós quando a Filosofia e as Ciências se calam, é sempre a poesia, que diz a última palavra. (Nunes, 2009: 42)

Na esteira do que propõe Wittgenstein, Nunes afirma:

Tudo então pode ser narrado, mas tendendo para o inenarrável em que tudo culmina. O que quer que se narre, é sempre uma figura do mundo, a parcela discernível de uma cadeia ilimitada de eventos que o ficcionista desenrola elo após elo, sobre um fundo vazio a preencher. (Nunes, 2009: 211)

Conforme a exposição de Benedito Nunes, Wittgenstein concordando com Gottlog Frege, um dos fundadores da lógica simbólica, acerca do valor de verdade da referência, negou o conhecimento ético, mas não a importância do empenho moral para o homem. Para Wittgenstein, paradoxalmente, o seu *Tractatus lógico-philosófico* era uma introdução à ética, por certo uma introdução negativa, como comenta Nunes, pois os enunciados sobre o bem ou a felicidade são insustentáveis e sem sentido. Por isso teria dito Wittgenstein em uma conferência que é impossível escrever uma ética, por que os juízos da ética seriam intraduzíveis, inexpressáveis. Faltariam expressões que os asseverassem. Sobre o que não podemos dizer é melhor silenciar, escreveu Wittgenstein. Mas vale lembrar que o filósofo estava referindo-se ao que não pode ser dito proposicionalmente, ao fracasso da linguagem de que falava a personagem G. H.

No romance *A paixão segundo G. H.*, Clarice Lispector coloca a linguagem num embate decisivo com a realidade que pode ser observado ao longo da narrativa, onde a personagem G. H. tenta reproduzir a experiência da conquista do que é originário embora sempre esbarre no que não se diz. O trecho do romance *A paixão segundo G. H.*, que transcreverei a seguir, faz ver como Wittgenstein e Clarice Lispector pensam a linguagem de maneira semelhante, como o modo de buscar a realidade:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la –e como não acho. Mas é do buscar e do não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu (Lispector, 1988: 113)

Este romance é, para Benedito Nunes, um dos textos mais originais da ficção brasileira e também, como escreve na introdução da Edição Crítica do romance coordenada por ele, ‘o livro maior de Clarice Lispector’, por abrir para o leitor, pelo envolvimento de sua narrativa, “a fronteira entre o real e o imaginário, entre a linguagem e o mundo, por onde jorra a fonte poética de toda ficção”. (Lispector, 1988: XXVI)

Segundo Benedito Nunes, por um lado, *A paixão segundo G.H.* faz parte da linha ficcional de criação que Clarice Lispector adotou desde o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, de 1943; por outro lado, ele diz tratar-se de um romance singular, “não tanto em função de sua história quanto pela introspecção exacerbada, que condiciona o ato de contá-la” (Lispector, 1988: XXIV) que se transforma, segundo o filósofo, no embate da narradora com a linguagem, levada a domínios que ultrapassam o limite da expressão verbal. Sobre isso, afirma:

Em a paixão segundo G. H., a consciência da linguagem enquanto simbolização do que não pode ser inteiramente verbalizado, incorpora-se à ficção regida pelo movimento da escrita, que arrasta consigo os vetúgios do mundo pré-verbal e as marcas “arqueológicas” do imaginário até onde desceu. G. H. tenta dizer a coisa sem nome, descortinada no instante do êxtase, e que se entremostra no silêncio intervalar das palavras. Mas o que ela enuncia não pode deixar de simbolizar o substrato inconsciente da narração que, matéria comum aos sonhos e aos mitos, sobe das camadas profundas do imaginário que constituem o subsolo da ficção. (Nunes, 1988: XXVII)

Benedito Nunes encerra seu livro *O dorso do tigre* propondo uma réplica da escritora ao que teria defendido Wittgenstein:

Wittgenstein escrevia, no fecho seu *Tractatus Lógico-Philosophicus*, que devemos silenciar a respeito daquilo sobre o qual nada se pode dizer. Clarice Lispector rompe com esse dever de silêncio. O fracasso de sua linguagem, revertido em triunfo, redonda numa réplica espontânea ao filósofo. Podemos formular assim a réplica que ela deu: “é preciso falar daquilo que nos obriga ao silêncio”. Resume-se nessa resposta o sentido existencial de sua criação literária. (Nunes, 1976: 139)

Gostaria de salientar, a respeito dessa passagem, que também Wittgenstein rompe com o dever de silêncio e no final do *Tractatus* vê-se obrigado a rejeitar seu próprio livro:

Minhas proposições elucidam desta maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contra-sensos, após ter escalado delas –por elas– para além delas (Devo, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela) deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente. (Wittgenstein, 2008: 281)

A “superação” do *Tractatus* é uma condição necessária para compreender a posição defendida pelo filósofo, sem que as concepções filosóficas presentes na obra sejam compreendidas como teses arbitrariamente formuladas por seu autor. E, por conseguinte, se o sentido existencial da criação literária de Clarice, conforme expõe Nunes, resume-se na máxima: ‘*É preciso falar daquilo que nos obriga ao silêncio*’, podemos concluir que o convite feito por Wittgenstein, tanto no *Tractatus* quanto nas *Investigações Filosóficas*, de dissolver problemas fundados no mau uso da linguagem, para que esta seja um meio efetivo de comunicação e nos permita falar inclusive sobre aquilo que nos obriga ao silêncio, também se faz presente na obra de Lispector, especialmente em, *A paixão segundo G. H.*. Ilustra o que estamos dizendo a passagem:

Aquilo que se vive –e por não ter nome– só a mudez pronuncia é disso que me aproximo através da grande larguesa de deixar de me ser. Não porque eu encontre o nome do nome e torne concreto o impalpável –mas porque designo o impalpável como impalpável, e então o sopro recrudescer como na chama de uma vela. (Lispector, 1988: 112)

No romance a visão da personagem-narradora G. H. é inseparável do ato de contá-la, e a consciência da linguagem enquanto o que não pode ser totalmente verbalizado está presente na ficção, porque G. H. entende que o momento da vivência –instantâneo– foge à palavra que o expressa. G. H. sabe que o ato de narrar não compreende, não engloba o fato vivido. A passagem a seguir do romance corrobora o que estamos discutindo:

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei de criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo- traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço e sem sequer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu não estivesse não seria linguagem. Até criar a verdade do que me aconteceu. Ah, será mais um grafismo do que uma escrita, pois tenho mais uma reprodução do que uma expressão. (Lispector, 1988: 15)

A personagem propõe criar sobre a realidade, criar a “verdade” do que lhe aconteceu, como uma reprodução dos sentimentos vividos, porque sabe que qualquer tentativa de relatar –através da linguagem– um momento vivido tenderá ao fracasso, por ser aquilo que a expressão verbal não consegue descrever em sua totalidade. E a autora reconhece que o criar literário, a imagi-

nação no momento da escrita, é o que se faz sem pretensão de ter um valor de verdade tal ou qual, como propõe Wittgenstein.

O desejo de encontrar o que resta do homem quando a linguagem se esgota, é o que move a literatura de Clarice Lispector, em termos wittgenstenianos, encontrar o que resta do homem, quando a linguagem se esgota, seria o desvelamento do inefável, o incessante esforço da linguagem para captar aquilo que lhe foge. Para ilustrar o que acabamos de dizer vejamos mais uma passagem do livro em questão:

Ah, mas para se chegar à mudez, que grande esforço da voz. Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade, antes da minha linguagem, existe como um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão de mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio. Eu tenho à medida que designo –e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. (Lispector, 1988: 112-113)

Nessa perspectiva extrema-se o drama da linguagem, e este é o momento em que a narrativa torna-se: “o espaço agônico de quem narra e do sentido de sua narração –o espaço onde a narradora erra, isto é, onde ela se busca, buscando o sentido do real, que só atinge quando a linguagem fracassa em dizê-lo” (Nunes, 1988: XXVIII). Pois, do processo da linguagem resulta uma ficção erradia, que é, como afirma Clarice Lispector, em passagem de *A paixão segundo G. H., mais um grafismo do que uma escrita*. Pois, a atitude da personagem G. H., de abdicar do entendimento claro para ir ao encontro do que é impossível compreender, lança a linguagem num jogo decisivo que reforça o sentido místico do romance.

## Bibliografia

- Lispector, Clarice. 1988. *A paixão segundo G. H.* Ed. Crítica/Benedito Nunes (coord.). Paris, Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle. Brasília: CNPq.
- Nunes, Benedito. 1976. *O dorso do tigre*. São Paulo, Perspectiva.
- , 1995. *O drama da linguagem, Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Ática.
- , 2009. *A chave do poético*. São Paulo, Companhia das letras.
- Wittgenstein, Ludwig. 2005. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis, Vozes.
- , 2008. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. São Paulo, Editora da USP.

## CV

LUIZA DE OLIVEIRA É MESTRANDA DO PPG MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS NA UFMS – BRASIL, ONDE DESENVOLVE PESQUISA SOBRE O SILÊNCIO NO ROMANCE *A PAIXÃO SEGUNDO GH* DE CLARICE LISPECTOR. É GRADUADA EM FILOSOFIA - HABILITAÇÃO EM BACHARELADO E LICENCIATURA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC. É MEMBRO DO NÚCLEO DE ESTUDO CULTURAIS COMPARADOS (NECC- UFMS)

EDGAR CÉZAR NOLASCO É PROFESSOR DA GRADUAÇÃO EM LETRAS E DO PROGRAMA DE MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS NA UFMS. É EDITOR-PRESIDENTE DOS *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, É COORDENADOR DO NECC–NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS–UFMS E ORIENTADOR DAS PESQUISAS.